

Boletim Conjuntural Semana 15/2026 – 9 de abril de 2026

FEIJÃO.....	2
MILHO.....	2
BETERRABA.....	3
BOVINOS.....	4
SUÍNOS.....	5
COGUMELOS.....	5

O Boletim Conjuntural desta semana analisa os desafios produtivos impostos pela irregularidade climática e o dinamismo dos mercados de proteína animal e produtos de nicho.

No campo, a atenção está voltada para a deterioração das condições das lavouras de milho e feijão da segunda safra. A estiagem persistente e as ondas de calor já levaram 16 municípios do Paraná a decretar situação de emergência, impactando diretamente o potencial produtivo de uma parte relevante das lavouras. No caso do feijão, a área semeada sofreu uma redução drástica de 31% em relação ao ciclo anterior, e a falta de chuvas em grandes regiões produtoras compromete a expectativa inicial de produtividade. Os preços da beterraba também tiveram influência da redução de área e das variações climáticas.

Em contrapartida, o setor de proteínas exibe resiliência e ganhos de escala. A suinocultura paranaense consolida-se como a principal fornecedora do mercado interno nacional, respondendo por quase 24% de todo o comércio brasileiro da carne, fruto de uma estratégia que prioriza o abastecimento doméstico em relação às exportações. Na pecuária de corte, os preços seguem firmes no atacado, impulsionados pela oferta restrita de animais prontos e pela demanda internacional aquecida, mantendo as cotações elevadas mesmo durante períodos de consumo tradicionalmente mais baixo.

Por fim, o boletim destaca o mercado de cogumelos, um setor de alta tecnologia concentrado no eixo Paraná-São Paulo. Com uma produção estadual focada em Shiitake e Champignon de Paris, o segmento revela um vasto potencial de crescimento, dado que o consumo brasileiro ainda é incipiente se comparado aos mercados europeu e asiático, o que mantém o País dependente de volumes expressivos de importação, especialmente da China.

Boa Leitura!

FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A segunda safra de feijão é a principal do Paraná. Semeada ao longo do primeiro trimestre, sua colheita deve começar de forma mais efetiva em breve, uma vez que 3% das áreas já se encontram em fase de maturação. Conforme monitoramento do Deral, houve uma redução expressiva da área semeada: os números de março da Previsão de Safra Subjetiva apontam 239 mil hectares no levantamento, publicado concomitantemente ao fim dos trabalhos de implantação. Essa extensão ocupada é 31% inferior à colhida na segunda safra de 2025, o que deve acarretar uma redução de pelo menos 20% na produção.

Esse recuo tende a ser ainda mais acentuado, considerando a piora nas condições das lavouras desde a última atualização. Neste momento, as lavouras em boas condições representam 72% da área, contra 76% há duas semanas. A área em condições ruins subiu para 8% (ante 6%) e as medianas para 20% (ante 18%). Os núcleos regionais de Pato Branco, Laranjeiras do Sul e Francisco Beltrão concentram as áreas mais impactadas pela seca. Juntos, eles correspondem a mais da metade da produção estadual para o período e, apesar das chuvas abrangentes registradas nesta semana, o

potencial produtivo da cultura foi prejudicado na região. As precipitações interromperam momentaneamente o estresse hídrico das plantas, mas a produtividade média de 30 sacas, estimada no relatório de março, dificilmente será alcançada.

Outro dado importante desta safra é que, apesar da redução geral dos cultivos, o grupo carioca aumentou sua área. Dados da Conab indicam uma expansão de 3% para o feijão de cores (majoritariamente carioca), concentrando a diminuição apontada pelo Deral nos cultivares pretos. Os preços recebidos pelos produtores explicam essa dinâmica: em março, o feijão-preto acumulou alta de 7% nos últimos 12 meses, enquanto o carioca registrou valorização de 48%. Ainda assim, o feijão-preto segue predominante, ocupando 2/3 da área total plantada no estado nesta segunda safra.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A falta de chuvas regulares no estado vem impactando, semana a semana, as condições das lavouras da segunda safra de milho 2025/26. Nesta semana, observou-se novamente uma piora nas condições. Enquanto na semana passada havia 91% da área plantada em boas condições, nesta semana o percentual caiu para 85% dos 2,8

Boletim Conjuntural Semana 15/2026 – 9 de abril de 2026

milhões de hectares esperados para este ciclo.

Diante desse cenário, 16 municípios do Estado do Paraná decretaram situação de emergência, tendo como principal fator a estiagem. Em 2024, nesses municípios foram plantados 208 mil hectares de milho na segunda safra. Para este ciclo, o volume pode ser estimado em uma área semelhante aos dados disponíveis de 2024.

Considerando que outras cidades do estado também apresentam irregularidade de chuvas, podemos conjecturar que esta safra possivelmente não será cheia e que haverá alguma redução na produção final. Entretanto, ainda é muito cedo para realizar estimativas concretas, pois um retorno das chuvas pode trazer uma recuperação relevante para as lavouras.

BETERRABA

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

A carência de dados estatísticos oficiais nacionais atualizados na olericultura nos impõe o uso de informações caducas quando queremos uma radiografia do setor, assim, a produção de beterrabas levantada no Censo Agropecuário 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE é o único norte efetivo e indicou que a atividade rendeu um Valor Bruto da Produção (VBP) de

R\$ 94,4 milhões para uma colheita de 135,0 mil toneladas (t) do produto e estava presente em 24,9 mil estabelecimentos rurais.

Por outro lado, uma consultoria independente indica que em 2025 a produção nacional foi de 800,0 mil t, em uma superfície cultivada de 14,5 mil hectares (ha).

Segundo o IBGE, o Paraná figurou à época como o quarto produtor nacional sendo responsável por 11,1% do VBP do país, 10,7% dos volumes colhidos e 11,3% do número de estabelecimentos com a cultura. Propondo números de 2,8 mil unidades rurais com receitas brutas de R\$ 10,4 milhões, para uma extração de 14,4 mil t da tuberosa.

Em contraponto, as informações coletadas por este Departamento demonstram que a beterraba está presente em 303 municípios do estado e em 2024 gerou um VBP de R\$ 188,3 milhões, para um volume colhido de 75,6 mil t. em 2,5 mil ha.

Os principais Núcleos Regionais (NR) onde a cultura está presente respondem por 69,4% das quantias colhidas e do VBP. O NR de Apucarana participa com 39,4% destes indicadores, secundado pelo NR de Curitiba com 30,0%. A atividade está atomizada em todos os rincões do estado, em menor escala.

O município de Marilândia do Sul concentra os cultivos com 580,0 ha, produção de 26,1 mil t. e R\$ 65,0 milhões de VBP, representando 23,4% da área e 34,5% das

Boletim Conjuntural Semana 15/2026 – 9 de abril de 2026

colheitas e da renda bruta. São José dos Pinhais secunda com 21,4% dos volumes e VBP, somando aos demais 295 municípios que em graus decrescentes atuam com a cultura.

O preço médio mensal recebido pelos produtores paranaenses em março último para a beterraba foi de R\$ 65,74/cx23kg (R\$ 2,86/Kg), um acréscimo de 27,31% em relação aos R\$ 51,64/cx23kg (R\$ 2,25/Kg) percebidos em fevereiro/26 e nominalmente 88,1% a menos do que em março/25, quando recebeu R\$ 34,95/cx23kg (R\$ 1,52/Kg).

No atacado – Centrais de Abastecimento do Paraná - CEASAs/PR –, entreposto Curitiba, a caixa de 20kg da beterraba extra AA iniciou o ano de 2026 cotada a R\$ 50,00 (R\$ 2,50/kg). Já nesta semana a cotação iniciou em R\$ 80,00 (R\$ 4,00/kg), um aumento de 60,0%. Em relação a mesma data no ano 2025, quando os valores correntes foram de R\$ 40,00/cx20kg (R\$ 2,00/kg), a beterraba dobrou de preço.

Em março último, o varejo praticou preços para a beterraba de R\$ 6,50/Kg, um aumento de 31,0% frente aos R\$ 4,97/Kg de fevereiro e 78,1% a mais de março/24, quando nominalmente se estabeleceu em R\$ 3,6/kg.

Estas variações de preços estão ligadas às questões climáticas que afetaram a produção em quantidades e qualidades ofertadas, além de uma precificação muito

baixa no ano de 2025, frente a 2024, não perdendo no horizonte a redução sistemática da área de cultivo com beterrabas em nosso estado.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Os preços da carne bovina permaneceram firmes no mercado atacadista ao longo de março, sustentados pela combinação de oferta interna limitada e forte demanda externa. Dados do Deral apontam valorização de 4% e 4,3% no dianteiro e traseiro bovinos, respectivamente, no atacado. A menor disponibilidade de animais prontos para abate, aliada ao direcionamento da produção para exportação, contribuiu para a manutenção dos preços em níveis elevados.

Mesmo durante a Quaresma, quando o consumo tende a enfraquecer, não houve pressão relevante de queda nas cotações. O Indicador CEPEA/ESALQ (SP) encerrou março em R\$ 356,00, com variação positiva frente a fevereiro. No comércio exterior, o Brasil exportou 167 mil toneladas de carne bovina nos primeiros 15 dias úteis de março, com média diária de 11,137 mil toneladas, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Em 2025, o Paraná destacou-se como principal fornecedor de carne suína para o mercado interno brasileiro, pelo oitavo ano consecutivo, segundo dados da Pesquisa Trimestral de Abate do IBGE e do Agrostat/Mapa. Do total de 1,23 milhão de toneladas (t) produzidas no Estado, aproximadamente 990,48 mil t foram destinadas ao consumo interno. Esse montante representa 23,7% do comércio interno de carne suína no Brasil, que alcançou 4,18 milhões de t.

Santa Catarina manteve-se na segunda colocação, com 851,91 mil t comercializadas internamente, equivalentes a 20,4% do total. Na sequência vieram Rio Grande do Sul, com 676,96 mil t (16,2%), Minas Gerais, com 642,31 mil t (15,3%), e Mato Grosso do Sul, com 263,59 mil t (6,3%).

O desempenho do Paraná como principal fornecedor pode ser atribuído a um conjunto de fatores. Entre eles, destaca-se o fato de o Estado ser o segundo maior produtor de carne suína do país e o terceiro maior exportador, tendo destinado apenas 19,2% de sua produção ao mercado externo no último ano. Em comparação, Santa Catarina, líder em produção e exportação, direcionou 46,8%

de sua produção às exportações, enquanto o Rio Grande do Sul, terceiro maior produtor e segundo maior exportador, destinou 33,5% ao mercado externo. Outros fatores que contribuem para esse resultado incluem a proximidade geográfica do Paraná com grandes centros consumidores e a qualidade dos produtos paranaenses.

COGUMELOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE (2017), a produção nacional de cogumelos concentra-se, majoritariamente, no Sudeste e no Sul, com São Paulo liderando o mercado (87,3% de participação). Em seguida, vem Minas Gerais (5,4%) e Paraná (3,9%). Juntos, esses três estados respondem por mais de 96% da produção nacional, que soma aproximadamente 12.730 toneladas e movimenta um Valor Bruto de Produção (VBP) superior a R\$ 135 milhões.

Embora estados como Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catarina também possuam produções expressivas, o eixo Paraná-São Paulo mantém o domínio tecnológico e comercial do setor.

Por esses dados e fontes de informação, a realidade dos números é a seguinte (produção, números de

Boletim Conjuntural Semana 15/2026 – 9 de abril de 2026

estabelecimentos e VBP): São Paulo (11.119 t, 253 unidades de produção e R\$ 112,655 milhões), Minas Gerais (685 t, 50 unidades de produção e R\$ 8,860 milhões), Paraná (495 t, 98 unidades de produção e R\$ 5,063 milhões). E os outros quatro principais centros de cultivo de cogumelos apresentaram, em 2017, os seguintes números: Espírito Santo (240 toneladas, 15 unidades de produção e R\$ 3,063 milhões), Rio Grande do Sul (127 t, 19 unidades de produção e R\$ 2,789 milhões), Rio de Janeiro (96 t, 27 unidades de produção e R\$ 3,036 milhões), Santa Catarina (23 t, 7 unidades de produção e R\$ 692,0 mil).

O Banco de Germoplasma de Cogumelos para Uso Humano da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, organizado desde 1996, conta atualmente 326 espécies/linhagens comestíveis e medicinais, incluindo, dentre outras: Cogumelo-do-sol (*Agaricus blazei*), Orelha-de-Judas (*Auricularia auricula-judae*), Orelha-de-Pau (*Auricularia polytricha*), Enoki (*Flammulina velutipes*), Cogumelo-rei ou Reishi (*Ganoderma lucidum*), Maitake (*Grifola frondosa*), Cogumelo-leão ou Macaco-branco (*Hericium erinaceus*), Shiitake (*Lentinus edodes*), Cogumelo-canário (*Oudemansiella canarii*), Nameko (*Pholiota nameko*), Pleurotus-dourado (*Pleurotus citrinopileatus*), Eryngui ou Cardoncello (*Pleurotus eryngii*), Cogumelo-flabeliforme (*Pleurotus*

flabeliforme), Hiratake (*Pleurotus ostreatus*), Shimeji-preto/Shimeji-branco (*Pleurotus ostreatus*) e Pleurotus-salmão (*Pleurotus salmone ostraminus*).

Dessas espécies, apenas algumas poucas são cultivadas comercialmente no Brasil, notadamente: Champignon-de-Paris, Crimini, Portobello, Enoki, Maitake, Cogumelo-leão ou Macaco-Branco, Shiitake, Nameko, Pleurotus-dourado, Eryngui ou Cardoncello, Hiratake, Shimeji-preto, Shimeji-branco e Pleurotus-salmão.

Segundo a SEAB/DERAL, no Paraná, os maiores polos produtores ficam nas regiões de Curitiba, Guarapuava, Irati, Ponta Grossa, Londrina, União da Vitória, Umuarama, Dois Vizinhos, Cornélio Procópio e Maringá. No ano de 2024, segundo a SEAB/DERAL, a produção paranaense de cogumelos foi de 982.131 kg distribuída nos dois cultivos principais: Shiitake (48.595 kg) e Champignon de Paris (933.336 kg), gerando um VBP de R\$ 21,092 milhões (Shiitake: R\$ 1,199 milhões e Champignon: R\$ 19,894 milhões).

Os cinco municípios que se destacaram em 2024 foram (kg e VBP): Castro (25.000 kg e R\$ 5,594 milhões), São José dos Pinhais (246.200 kg e R\$ 5,251 milhões), Tijucas do Sul (230.000 kg e R\$ 3,934 milhões), Palmeira (61.000 kg e R\$ 1,343 milhões) e Agudos do Sul (25.000 kg e

Boletim Conjuntural Semana 15/2026 – 9 de abril de 2026

R\$ 932,750 mil). Por enquanto, instituição maior da agricultura paranaense registra números apenas de dois tipos de cogumelos: o Champignon de Paris e Shiitake, apesar de ocorrer produção de Cogumelo do Sol, Shimeji e Portobelo.

A produção brasileira de cogumelos não é capaz de suprir a demanda, sendo necessária a importação do produto de outros países para o mercado interno, demonstrando que esse é um mercado promissor, com possibilidades de incrementos do consumo e da produção.

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, em 2025 as empresas brasileiras importaram 12.098 toneladas de cogumelos, resultando em gastos de US\$ 20,859 milhões, produtos oriundos principalmente da China (11.820 toneladas, custando US\$ 17,682 milhões). O cogumelo importado em maior volume é a espécie *Agaricus Blazei* (“Cogumelo do Sol”): 2025 (11.279 toneladas e US\$ 17,181 milhões) e 2024 (12.515 toneladas e US\$ 17.932 milhões).

No ano de 2024, o volume total importado foi de 13.282 toneladas, com despesas de US\$ 21,055 milhões, sendo a China a principal origem (12.959 toneladas e US\$ 18,422 milhões). Dentre os estados da federação brasileira, os maiores importadores em 2025 foram (volume: toneladas e US\$

milhões): Santa Catarina (3.305 e US\$ 6,097), Paraná (3.186 e US\$ 4,745), Rondônia (2.162 e US\$ 3,004), São Paulo (1.476 e US\$ 2,433) e Alagoas (1.031 e US\$ 1,268).

O “Cogumelo do Sol” é mundialmente apreciado por suas qualidades gastronômicas e, especialmente, por suas propriedades medicinais, sendo conhecido por várias denominações, tais como “Cogumelo Medicinal”, “Champignon do Brasil”, “Royal Sun Agaricus”, “The Brazilian Medicinal Mushroom” e, no Japão, “Himematsutake”. (ANPC 2018). O *Agaricus blazei* é originário das regiões serranas da Mata Atlântica do sul do Estado de São Paulo. Seu cultivo inicial em canteiros desprotegidos no campo deu origem ao nome popular e, na década de 1970, foi levado ao Japão, onde seus benefícios medicinais começaram a ser sistematicamente estudados (Ereno, Dinorah - Pesquisa Fapesp, 2004).

De acordo com a Associação Nacional de Produtores de Cogumelos (ANPC, 2018), o consumo per capita no Brasil ainda é baixo, situando-se em cerca de 160 gramas. Esse cenário reflete a falta de tradição e o desconhecimento sobre os benefícios e o preparo do alimento. O contraste é nítido frente à Europa, onde países como França e Alemanha superam os 2 kg por habitante; e à Ásia, com China e Coreia do Sul ultrapassando a marca de 8 kg anuais.